

FAMÍLIA LASSALISTA

Boletim da Província
Lassalista de São Paulo
Conselho para a Missão
Educativa Lassalista
Ano XX - Agosto de 2009

EDIÇÃO 84



Ser luz. Eis que paira a escuridão. A incerteza do viver. Como a nota do violão, que soa como um barulho, uma confusão, quando não se tem canção. E a nota, que parece suave, torna-se um estrondo. Sem noção. Sem controle. Uma falta de educação... Educação? Transmissão de valores? Mas, para muitos senhores, soberbos, forma de dominação. Para poucos a educação. Para muitos a falta de opção. Mas uma luz se fez brilhar. Uma aurora, uma canção. Sintonia e emoção. Não se sabe o porquê. Não há explicação. Mas uma voz soou em defesa dos menores, que viviam à margem de tudo. Sem pátria, sem pai, sem rumo. E ele fez tudo brilhar. A esperança no olho de um menino. A alegria no coração de um. E a certeza de que só a educação transforma. E faz do homem um cidadão novo. Um homem cheio de paixão. Paixão pela vida. Pelo Senhor da Vida. Pela educação. São João, um guia de multidões. Pessoas que unem corações, para, com fé, fraternidade e serviço, mudar o mundo. Construir uma Civilização do Amor, onde o valor seja a comunhão. E viva Jesus em nosso coração. Como a eterna semente. Para sempre...



Os Net - Parte 1

Dr. Ir. Paulo Petry, tradução

Pais e educadores enfrentamos um difícil desafio frente à nova geração que quer aprender, entreter-se e partilhar por vias não tradicionais e sempre empregando novas tecnologias. Com frequência é tal a sua preferência que parece estar na terra de ninguém. Para quem participou do EPEL 2009, através de algumas palestras pode refletir sobre esta realidade. Aqui, no Boletim Família Lassalista apresentamos este artigo sobre o tema. *Os Net: na Terra de Ninguém*, de Ramón F. Ferreiro, da Nova Southeastern University, USA, foi publicado em De La Salle - Revista de Comunidades Educativas, em novembro de 2008, pelo Distrito México Norte. Este artigo, que traduzimos do espanhol, será apresentado neste e no próximo número do nosso Boletim. Um agradecimento especial à Província do México Norte, que gentilmente autorizou a tradução e a publicação em português desta rica pesquisa e reflexão.

Quem são?

Como satisfazer suas necessidades de aprendizagem e crescimento?

A irrupção das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) provocou mudanças realmente drásticas num tempo muito curto. Mesmo esperado, este acontecimento surpreende a todos pela rapidez com que se introduziu praticamente em todos os âmbitos da vida da sociedade contemporânea. Nicolas Negroponte comenta em seu livro *Ser digital* que, como o aço no século XIX e a eletricidade no século XX, a revolução digital regulará a política, economia e sociedade do século XXI; vai se alterar nosso modo de aprender, de trabalhar, de divertir-nos... toda nossa forma de vida. Ademais, dia a dia surgem novas tecnologias e se aperfeiçoam as existentes.

Isto coincide e se reforça com as outras tendências como a globalização que continua crescendo alimentada em parte pelas condições que propiciam as TIC para a comunicação e o intercâmbio sem fronteiras, espaço, nem tempo.

Neste entorno nasce, cresce, e se educa a net generation ou GNet, uma geração influenciada pela presença cada vez maior das TIC e evidentemente de outros fatores sociais, econômicos que condicionam e são fontes de sua presença.

A telemática, com o computador e a internet, são emblema desta nova época, e responsável em grande parte da mudança de percepção da realidade, fundamentalmente entre crianças e jovens em pleno desenvolvimento.

A GNet considera a televisão unidirecional, como efetivamente é: não permite participar na programação ou no conteúdo; e dá um salto qualitativo ao passar de simples espectadores a usuários com grandes possibilidades de participar, jogar, entreter-se, buscar, fazer, resolver, estabelecer relações e levar a cabo projetos conjuntos para além de tempo e distância.

Uma nova geração?

O entorno social, cultural e econômico

Don Tapscott reconhecido escritor americano, especializado em temas de mercados e da influência das TIC, refere-se desde os primeiros anos da década de 90 a uma nova geração e a identifica com a letra "N" de *net*, em alusão à presença e influência das redes propiciadas pelo computador e pela internet.

Diana G. Oblinger e James L. Oblinger, editores de uma recém documentada compilação de estudos sobre o tema, também se referem à Geração N, mesmo que alguns interessados no mesmo

tema preferiram outros nomes. Alex Serge Vieux identifica-a como Geração DIG (*digital immediate gratification* = gratificação digital imediata), outros falam da Geração Milênio (primeira do milênio), ou Nintendo (por causa do jogo que polariza a atenção e os modos de entreter-se). E há os que preferem chamá-la Geração TIC pela repercussão das tecnologias em seu processo de crescimento e formação.

Sem dúvida, todos a consideram um grupo muito diverso de crianças, adolescentes e jovens, em contato direto e quase permanente com as TIC que provocam uma influência muito transcendente em sua vida.

As TIC, são a parte visível de um iceberg que influi e constitui com outros fatores o contexto social e cultural no qual se desenvolvem os membros desta geração.

Mas além da globalização, o meio caracteriza-se por processos de democratização, intensos movimentos migratórios e de identidade de gênero, diversidade e multiculturalismo que faz desta nova época um período histórico com eventos e processos que desafiaram a todos pelas mudanças constantes. Como em outras épocas, certo, mas com tal celeridade que antes que nos consigamos adaptar a um, este é substituído por outro parcial ou totalmente.

Como são os net?

Peculiaridades da Geração Net

Crianças e jovens desta geração em geral são:

• **Tecnofílicos.** Sentem uma atração, às vezes sem medida, por conhecer, empregar e possuir as novas tecnologias. Percebem que com elas podem satisfazer suas necessidades de entretenimento, diversão, comunicação, informação e, aprendizagem.

• **"Donos"** das TIC por coincidir seu surgimento e desenvolvimento com os tempos de seu crescimento. Para alguns estudiosos estamos frente à primeira geração que as domina.

• **Resilientes.** Possuem uma assombrosa capacidade de adapta-

ção em toda atividade que implica as TIC em geral e em particular o computador e a internet. Capacidade para enfrentar e resolver problemas a partir de uma habilidade para a comunicação interativa e simbólica, independentemente de sua capacidade verbal; tudo isto através da linguagem de sinais próprios da programação cibernética que permite um entendimento comum.

• **Consumistas.** Investigações demonstram seu incomensurável "apetite pelo novo", talvez consequência do anterior, que os leva a ser consumistas no sentido amplo da palavra, não apenas das novas TIC, mas de tudo o que contribui a ser parte da geração, como roupa, comida rápida, utensílios de uso pessoal, etc.

• **Abertos às mudanças.** Numa provável relação de causa-efeito mostra-se aberta à mudança, não só no que diz respeito ao consumir novas e recentes TIC, mas também a novos comportamentos e relações sociais, a modos de perceber a vida desde outra perspectiva sem ou com novos prejuízos morais.

• **Propensos a permutar informação e colaborar.** Dada a natureza integrativa, visual, auditiva e sinestésica das TIC e de suas múltiplas aplicações, são predominantemente ativos, visuais, propensos à permuta da informação localizada na internet, e empreendedores mediante seu uso.

• **Altamente seletivos na via de aprender e entreter-se.** A fórmula geracional parece ser: "com o computador e a internet tudo, sem isto praticamente nada", assim tão fácil ou complexo atende e satisfaz suas necessidades de aprendizagem e crescimento. Querem aprender e entreter-se por vias não tradicionais e sempre empregando novas tecnologias.



• **Predominantemente visuais.** O nível de decodificação visual ou iconográfica é maior que em gerações anteriores, que por vezes resulta num rechaço dos modos tradicionais de exposição, solução de problemas, tomada de decisões frente à própria vida e evidentemente os problemas que enfrentam nos processos de educação formal. Preferem modos de atuação aonde os TIC estejam presentes.

• **Multitarefa.** Seus processos de atenção têm margens muito amplas, podem parecer dispersos, mas fazem ao mesmo tempo uma tarefa, escutam música, atendem o celular, trabalham com várias janelas abertas em uníssono, respondem perguntas no mesmo tempo... Enfim, sua capacidade de atenção é distinta à de gerações prévias e caracteriza-se mais por abranger conteúdos diversos do que pela profundidade.

Como aprendem os Nets? Como ensinar aos Nets? Capacidades e necessidades diferentes

Todo o dito anteriormente implica uma peculiar implicação pedagógica: impossível manter os Nets atentos numa sala de aula tradicional, com um professor sentado expondo um conteúdo que poderiam consultar na Internet interagindo com outros. Podem localizar distintas fontes, elaborar mapas ou visualizações e participar ativamente na construção de seu conhecimento.

O uso das TIC é condição e fonte de desenvolvimento de um conjunto de habilidades do pensamento através do desenvolvimento de funções e processos psíquicos, que sabendo-se potencializar, lhes permitirá adquirir um nível ao qual aspiramos e que pouco alcançamos mediante métodos tradicionais.

O uso do computador e da Internet propicia a atividade independente, a observação, a exploração e busca; a comparação, o ordenamento e a classificação, a tomada de decisões, o processamento da informação e com isto toda uma série de operações mentais como análise e síntese, abstração e generalização.

Mais ainda implica o visual, estático e em movimento, em cores, o auditivo e, além disto, a possibilidade da escrita. E tudo com respostas quase imediatas.

Mas as TIC não só propiciam a atividade interdependente, também a atividade com outros em tempo real (sincrônica) e em tempo diferido (assincrônica) o que facilita o trabalho cooperativo em equipe, as relações sociais com outros para aprender.

O uso da máquina pode desenvolver um desejo de competir neste meio que chama a atenção e que deve ser contraposto pedagogicamente com atividades dirigidas, que impliquem trabalho em equipe para desenvolver projetos comuns.

Tudo isto é apenas uma "virtude" potencial das novas tecnologias que devemos aproveitar conscientemente com projetos didáticos que "explorem" estas extraordinárias possibilidades.

Se por um lado a escola tradicional de métodos expositivos e disposição dos alunos em sala de modo frontal não favorece as relações sociais; e, por outro, os membros da GNet ficam horas e horas na Internet envolvidos mais com seus interesses pessoais que escolares, o desenvolvimento das habilidades sociais vê-se restringido e correm o risco de que seu nível de inteligência emocional seja muito baixo.

É preciso repensar muito bem o que fazer na sala, como aproveitar estes espaços presenciais para desenvolver a comunicação interpessoal, as emoções e sentimentos, e como orientar para reforçar condutas socialmente valiosas realizando de modo individual e em pequenas equipes trabalhos usando a Internet.

Não cabe dúvida, o conhecimento declarativo (conceitos, leis, modelos teóricos) e toda uma série de habilidades intelectuais prestam-se para o trabalho "online" e é preciso aproveitar didaticamente o trabalho presencial em sala para desenvolver o conteúdo processual (habilidades psicomotoras, sociais, atitudes e valores).

A literatura apresenta os Nets como questionadores da autoridade,

exigentes frente ao status quo reinante, presunçosos e sensíveis frente à atuação dos pais, professores e de todos os responsáveis de sua criação.

Se algo chama poderosamente a atenção daqueles que estudam esta geração a partir de uma perspectiva educativa é a imediatez de suas ações e a tomada de decisões, bem como os problemas que enfrentam com o sentido e significado de suas vidas.

O trabalho no computador e na Internet e o feedback quase imediato que recebem condiciona-os a um estilo de vida em que a imediatez é primordial. Quiçá isto explique o pouco interesse que muitos demonstram quando recebem o resultado de um exame sete ou quinze dias depois. Os Nets exigem feedback rápido praticamente em tudo que realizam.

Regularmente são ambivalentes, querem ser levados em conta na resolução de problemas e tomada de decisões, mas também é certo que se apegam a um mundo de fantasia criado pelos meios. Daí resulta todo um conjunto de atitudes infantis que exibem e vão, desde caprichos até rechaços à responsabilidade, apesar de sua idade cronológica e preparação acadêmica.

Evidentemente, estas são estatísticas e generalizações; qualifica grupos e não indivíduos isolados. É bem possível que meu filho, sobrinho ou neto não demonstre esta ou aquela característica. Isto não tira valor à geração que, como tal, destaca o mais relevante e deixa de lado fatos que poderiam ser tão significativos ou mais do que os considerados.

Nós os deixamos ou os guiamos? Riscos fisiológicos e psíquicos

Se contemplarmos os riscos que a geração X que a precedeu, relacionados com o consumo do cigarro, álcool e drogas, a GNet tem diante de si o perigo do aumento e variedade de pornografia, a cibernética e o uso desmedido, errôneo, e mal intencionado de um sem número de portais eletrônicos criados "pensando neles" para atraí-los.



Se na década dos 80 se abriram clínicas para desintoxicar dos efeitos nocivos de distintos tipos de drogas, hoje surgem instituições que atendem a adolescentes e jovens com uma síndrome em plena identificação relacionada com o abuso do tempo dedicado à Internet.

Os membros da GNet podem passar horas diante do computador sem se dar conta da passagem do tempo, esquecer tarefas a cumprir e responsabilidades assumidas. Isto costuma alterar seu horário de vida e afetar as horas de sono, necessárias para que se restabeleça a capacidade funcional do sistema nervoso e suas relações com o entorno social, o que os torna propensos a transtornos emocionais como stress, ansiedade, depressão, fobias, ou quadros psicológicos agudos com graves implicações para sua saúde física, mental e emocional.

A informação disponível na Internet é abundante, de todo tipo e natureza. Desde páginas valiosas até violência, terrorismo, seitas enganosas, clubes que ocultam suas verdadeiras intenções com palavras e pensamentos aparentemente inofensivos.

A maioria dos Nets não tem a capacidade de orientar-se corretamente na busca, não sabe discriminar e selecionar. Convém contar com programas (software) que filtrem informação e ajudá-los a desenvolver a capacidade de orientar-se com critérios de seleção e juízo de valores que lhes permitam navegar e trabalhar sem perigo.

Texto traduzido por
Paulo Petry, Superior da
Província Lassalista
de São Paulo.



Ampliando horizontes

Marileide Menezes

★ Raras vezes sentimo-nos despertados por nosso cotidiano. Ali parece tudo rotineiro, mecânico. Falamos em encantamento, mas o encanto se faz igual a outros tantos que se dão; falamos em transformação, mas não encontramos tempo (ditador cruel da vida) para o olhar novo, a lapidação de ideias, o limar de formas e modelos inusitados. Tudo, então, segue o seu rumo. Muitas vezes, não atribuímos valor prioritário ao poder mágico dos desafios, poder que impulsiona o fazer original, oferecendo-nos perspectivas que traçarão diferentes cotidianos.

★ Na verdade, como as ondas que se formam na água, minúsculas, incessantes, a partir do impacto de um determinado objeto sólido, assim o EPEL 2009 - esse, aquele, outros-que-hão-de-vir - consegue operar estranheza, provocar um olhar inquisidor, olhar que requer - como foi dito pelo Ir. Arno Lunke - zelo, entusiasmo, amor e afeto, mantendo vivo o carisma de La Salle.

★ A palavra "provocador-visionário" nos vem imediatamente quando pretendemos designar tanto àquele que nos incita a desconstruir velhos conceitos quanto àquele que nos convida a sonhar sonhos aparentemente impossíveis, tanto aquele que vê mais e melhor do que nós quanto

àquele que nada vê. Mas não perguntamos de onde nasce essa vontade de mudança, esse desejo de um olhar mais perspicaz do que o comum, essa necessidade de enxergar, no quase invisível, sinais de possibilidades.

★ O termo "horizonte", tema de nosso encontro, é definido pela Wikipédia como a linha aparente ao longo da qual, em lugares abertos e planos, observamos que o céu parece tocar a terra ou o mar. Pela definição, podemos considerá-lo mesmo em áreas não planas, embora não possamos observar. Em um local plano, uma pessoa pode observar um objecto no chão até aproximadamente 5 km de distância. A partir deste ponto o objeto estará "atrás" do horizonte.

★ O EPEL alinha-se no horizonte, além e atrás do horizonte, um encontro que visualiza a educação como real respeito ao outro, à ética, ao compromisso com as competências, tanto de alunos quanto de colaboradores em geral.

★ Falamos em visões do mundo que se fazem através da educação, das diferenças



culturais, da possibilidade de ver a partir da câmera escura em que imagens surgem invertidas, transgressoras de uma realidade que insiste em desrespeitar as diferenças. Nosso EPEL (posso dizê-lo nosso) vem ao encontro da justiça, do bem-estar, da fé como propulsora da verdade, da Palavra como diretriz de nossas iniciativas.

★ O EPEL 2009 nos requisita a olhar e a visão se faz em nós pelo fora e, ao mesmo tempo, faz-se de nós para fora, ou seja, é preciso visualizar a realidade, o contexto em que vivemos, para que possamos perceber atividades que poderão nortear nossos procedimentos e prováveis mudanças. Somos educadores, somos janela e espelho. Para nós, ver é experiência mágica que abraça, espontaneamente e de forma fácil, a crença em nossa capacidade de possibilitar outras visões, de fazer ver. Ficou claro no encontro que penetramos silenciosamente no reino de nossos alunos e só podemos atuar efetivamente, se pararmos para contemplar antes da ação, se fizermos da nossa escola um lugar de respeito, fraternidade e paz.

★ Para trilhar novos horizontes precisamos estar atentos aos fios que

precisamos usar para tecer outras paisagens. As palestras nos apontaram alguns recursos para a realização de um trabalho coletivo, coerente, articulado e posicionado: agilidade no uso das tecnologias, construção e gerenciamento do conhecimento, busca de amor constante, aprofundamento da espiritualidade e, sobretudo, fortalecimento da identidade do Instituto. Essa tessitura exige mais: querer crescer, mudar, transformar; querer participar do processo de criação de uma nova Escola, de uma nova sociedade.

★ Encontro-esponja e, concomitantemente, encontro-pedra, abrindo fulcros, singrando ondas, construindo o espaço para a reflexão.

★ Início: não apenas o começo do encontro, mas o encontro como começo. É claro que surgirá o questionamento: começo de quê? Resposta que só será alcançada pela continuidade das reflexões possíveis, ou talvez nunca seja respondida, face ao processo incessante de educar para o novo.

★ Digamos assim: começo de certo tipo de relação entre escola, aluno, sociedade e, mais do que

depressa, entre professor e

aluno. As palestras nos sinalizaram claramente que a ampliação é inevitável: a primeira relação é transformada à proporção em que a segunda se modifica, na proporção em que equilibramos a firmeza de pai e ternura de mãe para mover mente e o coração de nossos alunos. Isso não requer apenas decifração de um mundo que se delinea invertido, mas sim recifração do olhar que coloque a escola como um espaço pioneiro nas discussões contemporâneas.

★ Se for verdade, como quis Heráclito, que a discórdia é harmonia não compreendida, para compreender nossa missão, será necessário refazer um pouco a nossa história. A exemplo disso, o Ir. Paulo Petry nos provoca, quando parafraseia Kierkegaard, dizendo "podemos afirmar que é preciso abandonar literalmente tudo o que conhecemos da vida... E, envolver-nos no processo que vai do rastejar por terra até o alçar do mais lindo voo. Nós todos deveríamos aproximar-nos de uma mudança tão radical com graça e leveza."

★ Assim, o mais surpreendente e paradoxal de uma composição de tantos lados e pontos de vista - tecnologias, espiritualidade e

afetividade, caminhos, empreendedorismo - o grande desafio de ser Lassalista é construir um mundo novo, ampliando horizontes. É mediante o espírito, o sentimento e a reflexão, ritmicamente entrosados, que as partes dos discursos se fazem partes orgânicas de uma forma única, de um todo em mutação, metamorfoseando-se. Desconstruímos para que novas formas surjam em todo seu esplendor.

★ A reflexão é que torna possível este reconhecimento do próprio ser transformando-se em casulo, e, logo em seguida, libertando-se dele. É o recolhimento que leva à



liberdade com todo o esplendor das cores, das possibilidades, assim como é a reflexão o caminho para o coração.

★ Assim, o vasto horizonte que o EPEL abre à contemplação reflexiva dá para o infinito, extrapola a reflexão e nos impulsiona ao fazer novo.

★ Dessa forma, ensimesmados na reflexão, o encontro não nos deixava dúvidas: precisamos reinventar-nos, sem perder de vista a confiança na Providência divina, a exemplo de La Salle.

★ Não sei bem, mas acredito que, assim como viver, educar é uma permanente reinvenção, para não



correremos o risco do sufocamento. Compreendi sempre que o medo de mudança nos tira o oxigênio e paralisa nossa capacidade de pensar, é preciso enfrentar feras, olhar nos olhos do bicho papão e ver o que acontece. Não há transformação sem ousadia (como há ar dentro do casulo?), não há horizonte sem visão renovada. Urge muita inquietação por baixo das águas do dia a dia. O EPEL martelou delicadamente em nossas cabeças: pensar a ação para transformar.

★ Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentamento silencioso: é sair para as sacadas, olhar para fora, expor-se, colocar a face curiosa para o exterior, prender a respiração para, enfim, respirar. Pensar nos faz entender que somos parte de uma tessitura ainda maior, poderosa, advinda do poder divino que nos impulsiona ao fazer responsável, identitário.

★ Outra impressão tecida no encontro vem do fascínio provocado pela maturidade do grupo. Ela nos atrai, despertando a curiosidade para cada face estranha, outras nem tanto, presentes no encontro: brota, nas faces que se entrecruzam, o espanto, o desejo de conhecimento, o peso-pássarinho dos novos desafios.

★ Desde o princípio, o

EPEL 2009 foi um real encontro de abraços, sorrisos, talentos... Quantos talentos! A noite de apresentação artístico-cultural de representantes das Comunidades Educativas foi revelação, demonstração de que somos verdadeiramente artistas de um outro mundo novo: seres em constante transformação.

★ Aí nesse momento de descontração e doação encontramos o eixo emotivo e humano da reflexão; ao redor dele gira o círculo das relações infundáveis, o enigma do outro em nós e de nós no outro: somos únicos e múltiplos, somos força viva de Deus, somos representantes dessa força maior que nos orienta a fazer, já, o que deve ser feito para encontrarmos paz e justiça.

★ Na verdade, o que permite a metamorfose interna do homem em flor-borboleta não é, sem dúvida, um processo espontâneo da natureza; é o resultado de um esforço humano de mudança. A grande novidade é que, sem anular divergências e aproximações, o EPEL deixa de ser apenas um encontro de educadores, entra num equilíbrio de vozes e sentimentos que cria um contexto também diverso, mas antes mantém entre si relações inesperadas de amizade e reflexão, fazendo surgir uma sintaxe perfeita entre espiritualidade, fraternidade e fé.



Marileide Menezes
é Mestra e Doutoranda
em Literatura Brasileira
e Professora do La Salle
Instituto Abel de
Niterói/RJ.



A Missão Educativa Lassalista é obra de Deus

José Paulo da Silva Costa Júnior

A presença dos Irmãos Lassalistas em 82 países nos cinco continentes é motivo de orgulho e de júbilo para todos que, direta e indiretamente, estão envolvidos nesse processo. A missão educativa que os Irmãos Lassalistas executam com desprendimento e abnegação em cada um desses países reforça os ideais de um jovem cônego, que no final do século XVII, de forma inesperada, viu-se impelido a trabalhar no serviço da educação para os mais necessitados. É claro que falo de João Batista de La Salle.

Quando Moisés, no Monte Sinai, ouve a voz de Deus lhe ordenando a liderar o povo hebreu na fuga do Egito, tenta esquivar-se da missão com o argumento de que lhe faltavam qualidades, como a da eloquência, para tão importante tarefa. Quais foram as palavras de Deus para essa esquivada? "Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo e o surdo, ou o que vê ou o que é cego? Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que hás de falar".

Uma das características básicas da obra de Deus no mundo, é que Deus escolhe aquele ou aqueles que devem concretizá-la. Nessa escolha, o Senhor não pergunta se a pessoa pode ou se ela tem tempo para a Sua obra. Não dá espaço sequer para esquivas. O Senhor a ordena. E o chamado é irresistível!

A segunda característica é que a obra de Deus prospera sempre e em qualquer situação ou dificuldade. Se uma obra fracassa

é porque não era de Deus. Aliás, tenho que dizer que é justamente nas situações mais difíceis e mais desencorajadoras que a obra de Deus se revela. Relembrem a fuga dos hebreus do Egito. Relembrem a vitória do cristianismo sobre o Império Romano. Relembrem, olhando para as escolas lassalistas em todo o mundo, e me digam se a obra de Deus não prospera sempre, apesar das dificuldades? Não há esquivada de homens ou conjuntura política e econômica que impeçam a obra divina.

O jovem cônego La Salle não imaginava que o seu trabalho de assessoramento na Congregação Docentes das Irmãs de Jesus seria o chamado de Deus para que ele iniciasse sua missão educativa. Posso afirmar com segurança que assim como Moisés não esperava a missão de livrar o povo hebreu da escravidão no Egito, João Batista de La Salle não esperava que Deus lhe reservasse a tarefa de libertar da ignorância, através das escolas que fundou, tantos jovens pobres; e de que essa missão frutificasse em tantos lugares.

Como Moisés, La Salle tentou esquivar-se da tarefa. Afirmava, como o patriarca hebreu, que estava despreparado para a missão. Mas o Senhor, através do jovem Nyel, tratou de dizer a La Salle que ele poderia confiar, que Deus estaria com ele. Repito: o chamado é irresistível.

Da tarefa de cuidar da Congregação Docente das Irmãs do Menino Jesus, confiada a La Salle pelo seu amigo e orientador espiritual, o cônego Nicolau Roland; passando pela

impetuosidade iluminada do senhor Adriano Nyel, que foi fundando escolas na França e convidando La Salle a se envolver cada vez mais nessa tarefa, até o momento em que toda a França conhecia e reconhecia o trabalho dos Irmãos Lassalistas, João Batista de La Salle foi assumindo com espírito de desprendimento, humildade, sofrimento, mas, sobretudo, com uma fé inabalável, a missão que Deus lhe confiava.



No final do século XVII, La Salle foi o semeador de que fala Jesus Cristo no Evangelho de Mateus, capítulo 13, a partir do versículo 3. Assim como o semeador da parábola, La Salle encontrou toda sorte de dificuldades, mas, conforme a Palavra de Deus, os frutos se multiplicaram assim que encontrou uma terra boa, como comprova o trabalho dos Irmãos e leigos lassalistas no mundo.

A história da missão educativa de La Salle também deixa uma lição importante e um testemunho de confiança, fé e esperança. A lição é a de que a missão educativa exige compromisso e obstinação. La

Salle assumiu o compromisso de educar os jovens para o Reino de Deus. Para tanto, abriu mão de seu cargo na Igreja, doou os seus bens aos mais pobres e igualou-se aos seus irmãos de missão. João Batista de La Salle foi obstinado para continuar a obra diante das perseguições. Sofreu, abateu-se, sentiu em alguns momentos que tudo ia parecer, afastou-se dos Irmãos na ideia de que sua presença atrapalhava, mas retomou a confiança e com o apoio fraterno dos Irmãos e a Fé em Jesus Cristo, voltou a conduzir a missão que Deus lhe confiou e venceu todos os obstáculos.

A perseguição dos mestres calígrafos, dos jansenistas e as ações judiciais, que ameaçaram as Escolas Cristãs Lassalistas, não encerraram as provocações que a missão educativa de La Salle passou. Quase um século depois, durante a Revolução Francesa, quantos Irmãos pagaram com a própria vida por defender os valores de Cristo na França sanguinária dos jacobinos? Mesmo no século XX, nos anos 60, uma crise de identidade afetou duramente a obra dos Irmãos Lassalistas no mundo, e, mesmo assim, a obra continuou.

Educadores lassalistas, a história da missão iniciada por João Batista de La Salle é feita de sucessos inegáveis, mas também de provocações duríssimas. Vencê-las é nossa tarefa. Superá-las sem esmorecer é nosso dever. Devemos confiar que a missão educativa, sob a ordem de Deus e a liderança de La Salle, foi edificada sobre a rocha. E vieram as enchentes, os ventos, as chuvas e ela se manteve firme porque foi edificada sobre a rocha.

José Paulo da Silva Costa Júnior é Professor de História do Centro Educacional La Salle de Brasília/DF.



CAPA

O texto da capa desta edição é um poema de autoria de **Rodrigo Aparecido Bertacini**, Assessor Pedagógico do Colégio La Salle de São Carlos/SP e Mestrando em Educação. Rodrigo apresentou este texto na segunda etapa do IX Curso Provincial de Formação Lassalista, realizada em julho de 2009, em Araruama/RJ. Na ocasião, a apresentação do texto foi acompanhada de projeção de imagens e leitura expressiva.



Educação Inclusiva e o processo educacional: um olhar sobre a diversidade

Angelina Acceta Rojas e Mary Rangel



O processo educacional tem sofrido as influências das concepções sobre educação, sobre o gênero humano e sobre a sociedade, que pontilharam a história da humanidade.

Modernamente pretende-se resgatar a escola de qualidade como espaço de exercício de cidadania e como espaço dos escritos, isto é, de apropriação e de construção do conhecimento e de cultura. Para tanto, a prática pe-

dagógica deve ser inclusiva, no sentido de envolver todos e cada um, graças ao interesse e à motivação para a aprendizagem.

Propostas podem ser comparadas aos atuais movimentos da filosofia da ciência que valorizam a integralidade do objeto científico, indo além de sua materialidade. Assim, uma escola inclusiva vai além do "eu", do "nós" objetivando o "todos nós".

Vai além da valorização do

ensino ministrado como transmissão de conhecimentos, para a valorização da vida (energia) e da consciência (espírito).

Uma escola inclusiva não prepara para a vida. Ela é a própria vida que flui, devendo possibilitar, do ponto de vista político, ético e estético, o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade crítica e construtiva dos alunos-cidadãos que nela estão, em qualquer das etapas do fluxo escolar ou das modalidades de atendimento educacional oferecidas. Na sociedade atual, marcada pela visão globalizadora, o eixo de construção epistemológica sobre educação em geral tem evoluído, evidenciando-se que o trabalho na diversidade é uma forma de enriquecimento.

O conceito de escolas inclusivas pressupõe uma nova maneira de entendermos as respostas educativas que se oferecem, com vistas à efetivação do trabalho na diversidade. Está baseado na defesa dos direitos humanos de acesso, ingresso e permanência com sucesso em escolas de boa qualidade (onde se aprende a aprender, a fazer, a ser e a conviver), no direito de integração com colegas e educadores, de apropriação e construção do conhecimento, o que implica, necessariamente, previsão e provisão de recursos de toda a ordem.

É interessante perceber a nomenclatura "educação inclusiva" e "educação especial". A educação inclusiva refere-se ao acolhimento e respeito, na escola, à diversidade étnica, racial, política, religiosa, cultural e de identidade de gênero. A educação inclusiva refere-se, também, ao compromisso didático-pedagógico e político da escola com a garantia do acesso ao conhecimento por todos os alunos, o que se traduz no empenho em que todos aprendam.

A garantia da aprendizagem requer a qualidade social e pedagógica da escola e, nessa qualidade, destacam-se a competência docente e as oportunidades de sua formação continuada.

O que se pretende na educação inclusiva é remover barreiras, sejam elas extrínsecas ou intrínsecas aos alunos, buscando-se formas de acessibilidade e de apoio.

Tanto a Declaração Mundial de Educação para Todos: Necessidades Básicas de Aprendizagem, como a Declaração de Salamanca e Linha de Ação, contêm o ideal da educação inclusiva por meio da remoção de barreiras para a aprendizagem e para a participação.

Podemos encontrar nos sites da UNESCO importantes documentos, como os produzidos na Guatemala (1999), em Dakar (2000), em Santo Domingo (2000), no Chile (2002), dentre outros.

Quanto à educação especial, referida a alunos portadores de necessidades especiais, é preciso, sobretudo, reconhecer que esses alunos necessitam de recursos que auxiliem o seu desenvolvimento e que a escola regular nem sempre possui esses recursos. Caso a escola regular tenha salas e professores para atendimento às variadas necessidades especiais, é possível atendê-las. Caso não tenha, exemplifica-se a medida adotada pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, que indica o encaminhamento dos alunos às chamadas "salas de recursos especiais".

Concluem-se essas reflexões, observando-se que, por origem e fundamentos, a escola de La Salle é, essencialmente, inclusiva e assim deve definir-se em seu Projeto Político-Pedagógico, especificando o significado e as práticas de inclusão, para que sejam conhecidas pelos pais no ato da matrícula.

Ética e Moral na Educação



Com o objetivo de discutir o significado e as consequências de ética e moral no campo educativo, Roque Amorim Neto e Margaréte May Berkenbrock-Rosito lançam **Ética e Moral na Educação**.

Em quatro capítulos, o livro traz à tona a importância da compreensão exata desses valores e de seu enfrentamento em uma sociedade na qual tem destaque o "homem light", expressão de um novo jeito de ser humano, marcado pela permissividade e também pelo tédio.

O livro é resultado de uma ampla pesquisa de Amorim Neto, que foi orientado por Margaréte May no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo, localizada na zona leste de São Paulo.

O objetivo foi estudar o sentido de ética e moral nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia. Tal documento não traz a palavra "moral", e sim a palavra "ética", sendo que esta foi usada no sentido de "moral".

Assim, partindo de um exercício de precisão conceitual, os autores chegam à compreensão da formação de professores na Educação Superior como um processo que favorece o desenvolvimento humano em seus diferentes conteúdos, com atenção especial a dimensão da afetividade.

As reflexões do livro são fundamentadas na Teoria do Desenvolvimento Moral, de Lawrence Kohlberg.

Com uma linguagem acessível, **Ética e Moral na Educação** torna-se leitura essencial para professores e educadores de qualquer nível.

Margaréte May Berkenbrock-Rosito é doutora em educação pela Unicamp, mestre em Supervisão e Currículo pela PUC-SP, graduada em Pedagogia e especialista em Alfabetização pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora no programa de Mestrado em Educação, da Universidade Cidade de São Paulo e é professora convidada no Programa de Mestrado em Bioética, do Centro Universitário São Camilo-SP.

Roque do Carmo Amorim Neto é Irmão Lassalista, mestre em Educação, especialista em Psicopedagogia e formado em Filosofia. Atualmente estuda Psicologia em Saint Mary's College of California, nos Estados Unidos.

Ética e Moral na Educação pode ser encomendado em livrarias de todo o país ou diretamente no site da Editora Wak: www.wakeditora.com.br.

Mary Rangel é Doutora em Educação e Assessora da
Direção do La Salle Instituto ÁBEL de Niterói/RJ.
Angelina Acceta Rojas é Mestra em Ciências da Arte,
Professora na UNILASALLE-RJ e membro do CnM.



Carta a São João Batista de La Salle

Marilene Alves Viana

Estimado São João Batista de La Salle Educação é um tesouro que se vive. Mas o que é um tesouro? De acordo com o dicionário, no sentido figurado, tesouro é uma pessoa de valor imenso em relação a alguém. La Salle, durante muito tempo, na claridade e na escuridão, na fartura e na escassez, na saúde e na doença, com tropeços e bênçãos tu lidaste e fizeste muitos tesouros, que são hoje a luz e os fios que teceram e tecem essa grande Rede. O tempo não apagou o amor que plantaste, ao contrário, frutificou-o. O teu amor, tal qual o bambu, que se enraíza bem fundo antes de crescer fora da terra, enraizou-se, cresceu e deu flores na terra e para a terra.

O teu prestígio não tem fronteiras, tampouco o teu elo com o humano, por isso mesmo estamos aqui, cada um com uma missão: realizar várias travessias no teu projeto de EDUCAR, educar para o crescimento humano, para o aprender a viver juntos, com e na descoberta do outro; educar para o encontro e a ternura, para a paixão e a criação na direção de cada ser com a intenção de que a paz seja geradora de paz; educar para banirmos a intolerância, e escutarmos mais o outro; para não separarmos os nossos irmãos em cores, como fazem com as roupas em uma vitrine, mas respeitá-los em toda a sua dimensão; educar para que as nossas crianças não

sejam prisioneiras de um tempo que rasga sem complacência o tecido de que são feitas: singeleza, autenticidade e doçura; educar para que possamos ser pessoas grandiosas de alma e de conhecimento compartilhado.

La Salle, como a tua, a nossa missão não é fácil, pois hoje, no século XXI, ainda vivemos os conflitos humanos, o egoísmo e a



arrogância sufocantes. Aqui, no nosso Brasil, muitos têm como habitat e fonte de renda os lixões, como Estamira, a protagonista do documentário homônimo que há mais de 20 anos trabalha no Aterro Sanitário no Jardim Gramacho, que recebe diariamente mais de oito mil toneladas de lixo produzido no Rio de Janeiro. Em São Paulo, cerca de 18.0002 pessoas têm como lar as ruas da cidade e vivem na mais profunda miséria, como as crianças invisíveis, e isso não é apenas o nome de um filme, mas um fato contundente. Essas crianças são expostas às mais diversas formas de sofrimento, não só no Brasil, mas em várias partes do mundo. A educação, por aqui, também

dá sinais alarmantes, porque:

De acordo com o Sistema de Avaliação da Educação Básica -SAEB/20073, 42% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio estão nos estágios "muito crítico" e "crítico" de desenvolvimento de habilidades e competências em Língua Portuguesa. São estudantes com dificuldades em leitura.

74% dos alunos adultos não conseguem ler textos longos, relacionar informações e comparar diferentes materiais escritos. Os que concluíram o Ensino Médio, 43% não possuem essas habilidades.

Contudo, nós, educadores lassalistas, não perdemos as nossas raízes, como o bambu, temos paciência para acompanhar e vivenciarmos as flores dos nossos tesouros, flores brotadas nas leituras e escritas e gestos bondosos de cada aluno da tua Rede educadora. Nós acreditamos no renascimento da vida, quando conjugamos na própria pele o verbo educar.

Quero agradecer-te por fazer parte desse tecido abençoado, e, movida pela tua ternura de mãe, recorro à poesia de Adélia Prado para ofertar a todos os meus companheiros estas palavras:

*Eu sempre sonho
que uma coisa gera,
nunca nada está morto.*

*O que não parece vivo,
aduba.*

*O que parece estático,
espera.*

Marilene Alves Viana é licenciada em Letras-Tradutor/Intérprete-Português/Espanhol, Pós-graduada em Ensino de Espanhol para Brasileiros e Professora de Língua Portuguesa no CEASLAS de São Paulo.

www.lasalle.org.br
www.lasalle.edu.br

O boletim FAMÍLIA LASSALISTA é uma publicação interna da Associação Brasileira de Educadores Lassalistas.

PROVÍNCIA LASSALISTA DE SÃO PAULO
Rua Santo Alexandre, 93
Vila Guilhermina
03542-100 - São Paulo - SP

CnM - CONSELHO PARA A MISSÃO EDUCATIVA LASSALISTA
Ir. Arno Francisco Lunkes
Ir. José Ribamar Santos Silva
Ir. Marcelo Adriano Piantkoski
Angelina Acceta Rojas
Marco Antônio Duarte
Marcos Luciano Corsatto
Maria Inês Stefanini Deléio
Fernando Madureira